

GOMBERG, ESTÉLIO. *HOSPITAL DE ORIXÁS: ENCONTROS TERAPÊUTICOS EM UM TERREIRO DE CANDOMBLÉ*. SALVADOR: EDUFBA, 2011.

Lucia Copelotti Guedes¹

Hospital de Orixás: encontros terapêuticos em um terreiro de candomblé, de Estélio Gomberg, é produto de sua tese de doutorado em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia. A pesquisa etnográfica que deu origem ao livro foi realizada entre 2006 e 2008, acompanhando a rotina de um Terreiro de Candomblé. O *Ilê Axé Opô Oxogum Ladê*, fundado em 1999, está localizado no município de São Cristóvão, a cerca de 30 quilômetros da cidade de Aracaju, Sergipe, que tem como líder religioso Reginaldo Daniel Flores, o *Ogum Toripe*.

Em *Hospital de Orixás*, Estélio Gomberg mostra-nos a produção de uma percepção específica da doença a partir do pensamento religioso, que se apresenta enquanto alternativa à prática médica tradicional e hegemônica, e na qual as causalidades para o adoecimento encontram explicação em um esquema de interpretações religiosas.

Os terreiros apresentam-se, então, como importantes espaços na promoção da saúde; na promoção de práticas terapêuticas alternativas, baseadas na tradição religiosa, em que a ancestralidade do corpo está relacionada com sua capacidade de centralizar forças que devem ser unidas numa relação de equilíbrio.

O equilíbrio das diversas partes do corpo, do mundo natural e sobrenatural, constituem o indivíduo. O corpo, na visão das religiões de matriz africana, permite a ligação entre o humano e o sagrado, uma vez que, além de morada do orixá, constitui-se como local propício para a transmissão

¹ Bacharelada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: luciacopelotti@gmail.com

do *axé*, princípio vital, “responsável pelo equilíbrio ou saúde dos adeptos” (Barros, 1993, p. 47).

De acordo com Gomberg (2011, p. 65), o corpo é “[...] expressão e materialização de uma condição social e um *habitus* expressado na forma de posturas corporais e investimentos na sua produção”. Assim, é através da vivência e da iniciação em Terreiro que se internaliza uma visão de mundo específica, que privilegia o corpo humano e a saúde.

A concepção do processo saúde/doença no Candomblé, aponta não só para a interação e integração dos indivíduos nesse espaço social, mas também para a interação entre espaço/corpo/cultura. Nessa interação, o corpo, “[...] através de suas posturas, gestos e movimentos, expressa uma condição social, que opera como um dos elementos para pensarmos a identidade social do adepto” (Gomberg, 2011, p. 66).

Seguindo a perspectiva de Marcel Mauss (1974), o corpo, com seus movimentos e gestos, é visto como expressão dos elementos que configuram uma sociedade específica. As manifestações corporais são representantes dos valores e princípios culturais.

No candomblé, a doença é o caso máximo de desequilíbrio. Contudo, tal estado não se restringe a problemas de saúde, a noção de desequilíbrio é acionada também em casos em que o indivíduo apresenta comportamentos que não estão de acordo com a visão do grupo. A noção de saúde na visão das religiões afro-brasileiras extrapola o simples bem-estar físico, apresentando-se como “[...] campo ordenador que confere ao indivíduo iniciado uma diretriz de comportamento” (Gomberg, 2011, p. 144).

Para restabelecer a saúde, faz-se necessário seguir uma série de prescrições rituais, definidas a partir da consulta oracular, geralmente o *jogo de búzios*, realizada pelo *pai de santo*. Para *Ogum Toripe*, pai de santo do *Ilê Axé Opô Oxogum Ladê*, o *ebó* é um recurso terapêutico fundamental no restabelecimento da saúde do indivíduo. Sua função terapêutica consiste na restituição do equilíbrio ao indivíduo.

A ida ao Mercado Público, para a compra dos elementos necessários para a realização do *ebó*, coloca os consulentes frente a um mundo novo, principalmente os não adeptos. A ida ao mercado é o primeiro passo no

processo de estabelecimento do equilíbrio. A etapa da compra dos elementos que compõem o *ebó* é de extrema importância, uma vez que o restabelecimento da saúde depende do sucesso desta etapa.

Além do mais, o mercado apresenta-se como uma das portas de entrada para o mundo das religiões afro-brasileiras, ou momento de extrema angústia, uma vez que representa um momento de exposição pública.

O ritual do *bori* é a cerimônia que tem por finalidade “[...] dar de comer a cabeça”. A necessidade de realização de tal ritual é determinada pelo *jogo de búzios*, que indica tanto a sua necessidade quanto os elementos que deverão ser utilizados na cerimônia.

Ao privilegiar a cabeça, o *bori* marca uma importante distinção entre essa parte do corpo e o resto, estabelecendo, assim, o seu caráter sagrado, em oposição ao corpo profano. O ritual do *bori* produz uma nova inserção religiosa e uma aliança particular entre o indivíduo e o orixá expressa, em parte, pela importância que o nome ritual, definido em tal cerimônia, irá adquirir na vida do iniciado. Segundo Gomberg (2011, p. 149), os nomes, no âmbito do terreiro, determinam “[...] relações sociais, fornecendo uma individualidade e, ao mesmo tempo, status social com determinadas particularidades”.

Tanto o *bori* quanto o *ebó* atuam no sentido de restabelecer o equilíbrio e recompor o indivíduo. Na perspectiva jejê-nagô, o indivíduo está ligado a uma força cósmica, anterior à sua existência, de modo que estar em equilíbrio significa, também, estar em harmonia com a natureza e com o universo.

Em muitos casos, o restabelecimento da saúde depende, ainda, da iniciação do indivíduo. A necessidade de uma iniciação é conhecida através da consulta ao *jogo de búzios*. Embora, alguns dos consulentes, ao longo de sua trajetória de vida, já tivessem recebido “sinais” da necessidade de estreitar sua relação com o *orixá*. Desse modo, visto como recurso terapêutico, tal processo configura-se como momento de renovação e de ruptura, uma vez que permite aos indivíduos se repensarem, refletirem acerca de suas vidas, de suas escolhas, e, assim, (re)construírem parte de suas identidades.

O sistema religioso terapêutico afro-brasileiro expressa uma forma particular de conceber a doença, a qual ganha sentido em um esquema

explicativo em que as alterações na saúde do indivíduo estão relacionadas a causas sobrenaturais. Nesse sentido, a proposta de Gomberg, no que diz respeito aos significados e aos efeitos produzidos por esse sistema religioso terapêutico na vida dos consulentes, indica à internalização de novas condutas, novas maneiras de pensar, agir e sentir, ampliando a noção do sujeito para além de corpo/mente para corpo/mente/orixá, uma vez que este último tem uma relação direta com as causas da doença. É através das relações estabelecidas entre o pai de santo com as divindades, e os elementos que permeiam essas relações, como a realização de *ebós*, de *boris*, a iniciação, que restaura a saúde do indivíduo.

A função primordial do Candomblé, do ponto de vista terapêutico, baseia-se na capacidade de servir ao indivíduo e ao grupo como fonte de concepções gerais do mundo.

As narrativas registradas em campo permitem ao autor entender os itinerários e os comportamentos que culminam na busca por terapêutica religiosa. Esses registros de campo são inseridos ao longo do texto, explicitando sempre o nome do indivíduo e do seu *eledá* (*orixá* principal), traços físicos, como a cor da pele e dos olhos, e o seu grau de instrução.

Na busca da solução de problemas de saúde, percorrem-se diversos itinerários terapêuticos. Os relatos apresentados no livro são repletos de significados que refletem os contextos sociais, os sintomas corporais e emocionais e as repercussões da situação de doença nas diversas dimensões da vida do sujeito, assim como as possíveis e plurais possibilidades de tratamentos.

Algo que chama a atenção no sistema terapêutico presente no espaço terreiro, sobretudo no que se refere à questão da consulta, é o que Gomberg chama de “desterritorialização terapêutica”, caracterizada pelo fato de, em muitos casos, não haver a presença do consulente no Terreiro no momento da consulta oracular ao *jogo de búzios*, na prescrição do tratamento ou mesmo na realização de rituais litúrgicos/terapêuticos. Essa nova modalidade de consulta, que pode ser aplicada sem a presença física do/da consulente configura-se como mais uma estratégia para a perpetuação da religião. A possibilidade de realizar a consulta e transmitir as prescrições por meio de

contatos telefônicos ou por e-mail, adaptando essas práticas tradicionais à modernidade, configura-se enquanto elemento de resistência e, ao mesmo tempo, de renovação de uma religião tradicional como o Candomblé.

No que se refere à consulta de *jogo de búzios*, essa não tem um valor definido, cabe ao consulente determinar a quantia a ser paga pelo serviço. Do mesmo modo, o tempo de duração da consulta também é variável, podendo durar de 30 minutos a duas horas. De acordo com o autor, quando questionados acerca do atendimento, o fato que mais chamou a atenção dos consulentes foi a preocupação do *pai de santo* em explicar os procedimentos terapêuticos que deveriam ser seguidos, assim como a função de cada um no processo de restabelecimento da saúde.

Nesse sentido, como sugere Gomberg em seu livro, um dos diferenciais da oferta terapêutica religiosa, em relação à “medicina oficial”, diz respeito à qualidade do atendimento. Se, na consulta realizada em espaços religiosos busca-se considerar o paciente como um todo, acolhendo seu discurso, no campo biomédico, tal discurso não é considerado de relevância na realização do diagnóstico.

O que parece estar em jogo aqui é a desqualificação por parte do campo científico dos saberes terapêuticos produzidos no âmbito dos terreiros. Partindo de uma abordagem foucaultiana, o autor defende que o que se observa é uma competição de hegemonias de saberes diferentes. A busca por um tratamento religioso apresenta-se como mais um recurso entre as diversas opções terapêuticas existentes, indicando um uso combinado de serviços médicos e religiosos, não só por indivíduos de classes populares, uma vez que há uma demanda ampla de tais práticas por indivíduos de classe média.

Hospital de Orixás revela, assim, a importância da religião nos processos de interpretação e tratamento das doenças. A necessidade de apreensão das estratégias de promoção da saúde desses grupos, percebendo como essas são inseridas na discussão da agenda de políticas públicas da saúde da população negra e a proposição da conjugação da biomedicina com outras racionalidades terapêuticas são algumas das importantes contribuições trazidas por Estélio Gomberg nesta obra.

REFERÊNCIAS

BARROS, José Flávio Pessoa de. *O segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no Candomblé jejê-nagô do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

GOMBERG, Estélio. *Hospital de Orixás: encontros terapêuticos em um terreiro de candomblé*. Salvador: EDUFBA, 2011.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.